

A dimensão real

A INFLAÇÃO DOS últimos meses, se projetada em termos anuais, situa o ano de 1988 como campeão absoluto na alta de preços neste século. Uma inflação desta ordem gera em toda a sociedade profunda apreensão, difundindo um clima de pessimismo capaz de multiplicar a dimensão verdadeira da crise econômica.

UMA ANÁLISE fria do conjunto de indicadores econômicos brasileiros mostra que estamos longe de uma crise econômica como a do período 1981-84, esta sim tão profunda que deixou sequelas até hoje não absorvidas pelo tecido social brasileiro. O índice de desemprego, medido pelo IBGE em dez regiões metropolitanas (válido como indicador de tendência), reduziu-se em junho para 3,9%, o mais baixo em igual mês desde 1981. Este percentual foi, note-se, inferior ao de maio último.

AINDA segundo o IBGE, a produção industrial de junho foi 1,5% superior à de igual período de 87 e 3,9% acima da registrada em maio deste ano. Com isto, os índices anuais da indústria diminuíram sua queda acumulada para 4,8%. É provável que os números dos próximos meses se mostrem mais favoráveis, em função do impacto da safra recorde que vem sendo colhida e dos excelentes resultados das exportações.

A PARENTEMENTE discreta, a política econômica tem conseguido manter o déficit público sob controle, apesar de todas as previsões em contrário. O déficit, no primeiro semestre, ficou em 1,06% do Produto Interno Bruto, tornando em

princípio atingível a meta de restringi-lo a 4% do PIB. Tratando-se de um ano de eleições municipais e decisões na Constituinte, não foram poucos os céticos que previram um estouro das metas logo nos primeiros meses do ano, o que acabou não acontecendo.

E CLARO que a equipe econômica terá de se manter vigilante nos próximos meses para que os gastos públicos continuem sob suas rédeas. Em outras palavras, o ceticismo que não se confirmou no primeiro semestre pode perfeitamente se confirmar até o fim do ano. E, como não há fontes de financiamento para redução do déficit, o resultado é que 4% do PIB ainda representam um número enorme, capaz de alimentar a inflação. Diante dos problemas sociais que o Brasil enfrenta, porém, o próprio Fundo Monetário Internacional reconheceu que seria difícil diminuí-lo mais este ano. Mantém-se o propósito da equipe econômica de segurar o déficit em 2% do PIB em 1989.

ESSES NÚMEROS não são produto de milagre, mas de um grande esforço de ajuste que passa pela privatização de empresas estatais e de saneamento financeiro das companhias públicas produtivas. Curiosamente, o reconhecimento desse esforço vem partindo primeiro do exterior. Mais de 90% dos credores privados já aderiram ao acordo de renegociação da dívida externa e os credores oficiais, com apenas dois dias de discussão, firmaram um entendimento em tempo recorde. Com isto, as fontes de financiamento para importação de máquinas, equipamentos, insumos e matérias-primas estão novamente

se abrindo para o Brasil, criando condições de modernização e de nova arrancada do setor industrial.

AS EXPORTAÇÕES vêm sendo a alavanca desse processo e é importante que continuem sendo usadas como tal. Exportando-se mais, o País fica em condições de importar em condições favoráveis os produtos de que necessita para deslanchar. Essas importações, por sua vez, abrem caminho para novas exportações, tornando cada vez mais fácil a renegociação da dívida externa.

É UM PANORAMA econômico, portanto, muito diferente daquele vivido na crise de 81-84, quando os índices de desemprego alcançaram a casa de 7 a 8%, a indústria amargou três anos seguidos de queda da produção, a produção agrícola crescia pouco, o superávit da balança comercial era irrisório para as necessidades do País, não havia financiamentos externos de fonte alguma, e os salários eram reajustados bem abaixo dos índices de preços, o que tornava a inflação um fenômeno ainda mais dramático para o bolso dos assalariados.

ESTÁ LONGE de ser o caso de sair pelas ruas festejando a recuperação da economia. Há problemas gravíssimos a serem enfrentados, como a inflação e a contenção do déficit público. Preocupação e vigilância permanecem como palavras-chave no período que atravessamos.

MAS SÓ pode ser contraproducente confundi-las com desespero e inação.